

# Euforia não convence economistas

SANDRA BALBI

SÃO PAULO - A corrida às compras natalinas não foi suficiente para mudar radicalmente o cenário econômico de retração no nível de atividade previsto para este início de ano. Comerciantes e analistas econômicos acreditam que o efeito da abertura do *saco de maldades* do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, não foi anulado pelo vigor do comércio nos últimos dias.

"Há exagero quando se fala em explosão de vendas. O que houve foi uma concentração do movimento do comércio em dezembro, principalmente nas duas últimas semanas, depois de um novembro negro", diz Daniela de Pasqual, economista da Tendências Consultores Associados, que tem entre seus sócios o ex-ministro Mailson da Nóbrega.

Essa concentração das vendas em dezembro, segundo ela, explicaria o aumento de 8,8% no volume de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), em dezembro. Já o aumento de 41,8% nas consultas ao Telecheque seria consequência do maior rigor dos comerciantes que estariam consultando mais o serviço.

A euforia das vendas de última hora, segundo Celso Toledo, economista da MB (Mendonça de Barros) Associados acabou gerando a impressão de que o Natal foi bom. "Trata-se de uma impressão subjetiva de analistas, de comerciantes e da mídia, que, após a crise de outubro, tinham uma visão muito pessimista do cenário econômico", observa. Segundo ele, a MB não partilhava da visão catástrofista pós-pacote e por isso está considerando fraco o movimento do comércio. "Mas, por enquanto, ainda não há dados que sintetizem a situação do comércio como um todo", diz.

Como todos os setores tiveram queda de vendas

em outubro e novembro, é possível que tenham acontecido algumas recuperações localizadas. "Alimentos e vestuário, por exemplo, podem ter crescido em relação ao Natal passado", observa Toledo. As vendas em shoppings deram um salto no último fim de semana, segundo a Associação dos Lojistas de Shoppings do Estado de São Paulo (Alsop): no fim de semana que antecedeu o Natal, as vendas cresceram 25%, na comparação com o fim de semana anterior. Mas no setor de alimentos, informa a Associação Brasileira de Supermercados (Abras), dezembro deste ano deve empatar, em faturamento, com o do ano passado.

**Estoques** - Mesmo com um desempenho melhor na chamada linha mole (vestuário, alimentos, brinquedos), os analistas e comerciantes acham cedo para falar em recomposição de estoques no conjunto da indústria. "A reposição no setor de alimentos é normal, trata-se de bens perecíveis e de primeira necessidade. Portanto, as indústrias terão encomendas em janeiro", diz Toledo.

Já no setor de bens duráveis não se espera grande movimento de encomendas junto à indústria no início do ano. A rede G. Aronson, que esgotou o estoque de 2 mil bicicletas infantis, 300 televisores de 14 polegadas e 7 mil telefones celulares, não faz planos de compras. "É cedo para falar em repor estoques. As vendas melhoraram nos últimos dias, mas, no geral, não foi um grande Natal", observa Girz Aronson, dono da rede.

A rede G. Aronson ainda tem estoques para o mês de janeiro. "Vou comprar muito pouco no próximo mês", diz Aronson. Como outros comerciantes que trabalham com produtos eletrônicos, ele foi cauteloso nas compras, depois da experiência do ano passado, quando acabou com um estoque elevado, resultado de uma avaliação otí-

mista de crescimento das vendas do setor. Segundo o comerciante, as vendas deste ano se concentraram nos eletrodomésticos de menor valor: liquidificadores, ventiladores e bicicletas infantis. "A linha de áudio também saiu bem, vendi tudo que tinha no estoque," comemora.

A rede Arapuã, uma das maiores cadeias de varejo do país, também não está programando compras para o início do ano. "Procuramos manter estoques para 20 dias e devemos fechar o ano nesta faixa", diz João Alberto Ianhez, diretor de Comunicação Social da rede. Todas as lojas do grupo são informatizadas, o que permite acompanhar diariamente o nível de estoques e comprar no ritmo das vendas no balcão.

**Estoques** - A mesma política está sendo adotada pela maioria do varejo. "Ninguém mantém estoques altos com juros de 38% ao ano", observa Toledo. Por isso, em alguns setores chegou a haver falta localizada de alguns produtos. "O que aconteceu não foi escassez de produto, mas uma transição gradual de estoques da indústria para o varejo que acabou deixando alguns claros, momentaneamente, nas prateleiras", observa Ianhez.

Fazendo eco à voz da chamada economia real, Toledo, da MB Consultores, diz que ainda não existem dados concretos sobre estoques no varejo. "Mas, como a política monetária está sendo conduzida com muita cautela - os juros estão altos e tendem a baixar muito lentamente - a economia vai se ressentir no início do ano," diz. Por isso, Toledo não vê motivos para otimismo. "A economia como um todo vai cair no primeiro trimestre", diz. Segundo estimativa da MB consultores, o PIB deve cair 1% no primeiro trimestre. "A queda só não será maior pois a agricultura deve crescer 3,8%".

25 DEZ 1997

JORNAL DO BRASIL